



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	-6. SET. 1979
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

# Poesia e política

por Mário de Oliveira

A epítrofe de Maria de Lourdes Pintasilgo não está adequada ao momento dramático que estamos a viver no quotidiano da vida nacional. É possível que depois do seu governo — o tal da farsa dos 100 dias — se faça então a sua epítase, — não logicamente um Epitalâmio como o fez o grande Fernando Pessoa, isso seria impossível — se realize um verdadeiro poema dramático que com certeza desenvolverá os graves incidentes do seu governo «poético».

É que a política em Portugal tem sido tão desastrosa, tão anti-humana, e por vezes tão sectária, que é um abuso referir-se a ela com citações poéticas. Tais citações estavam certas no tempo de Euclides, Homero, Pletão, ou Demóstenes, a quem os Deuses concediam superior inspiração poética e eram capazes de fazer política. Nesses tempos a política tinha um verdadeiro sentimento humano, e quase era realizada em relação à educação estética do homem.

O homem, quando não conhece suficientemente todas as realidades humanas trata de buscar uma explicação baseando-se em elementos sobrenaturais ou que ele considera como tais.

A poesia, é sem dúvida o instrumento mais antigo usado por o homem para comunicar belamente e com fina delicadeza suas experiências a seus semelhantes, representa ao mesmo tempo os altos valores que dormem na pessoa e podem despertar e voltarem à vida por meio da magia da palavra.

Julgo não ser necessário falar do que a poesia tem representado, representa e representará na vida do homem. Onde há poesia sempre existirá uma rosa, se poderia dizer parafraseando aquele dito «donde há uma rosa sempre existirá o amor». Logicamente essa rosa representa o resultado das mais profundas emoções e sentimentos expressados através das mais selectas palavras, com a ajuda de um ritmo que entusiasmo e uma rima que encanta o ouvido.

Um poeta, — não o da Maria de Lourdes Pintasilgo, nem o do Machel, ou Agostinho Neto —, disse um dia que «a poesia é a língua da raça humana». E com toda a razão; pois a afirmação responde a um facto na história do homem, em seus intentos para expressar exteriormente o que leva dentro de si.

A poesia é tão antiga como o homem. Ela remonta dos primeiros intentos que este realizou para tratar de exteriorizar seus próprios sentimentos, sua admiração ante a realidade, seu embelezamento ante as coisas formosas; esse rasgo social de comunicação com os semelhantes, a expressão e a comunicação da própria alegria que nos rodeia como condição para desfrutar mais plenamente da alegria da liberdade, e de toda a expressão interior do homem para encontrar o seu próprio ser.

A política é pois todo o contrário desta sublimação humana e espiritual que é a poesia. O terrível genocídio que se está a praticar ferozmente por

alguns políticos do mundo de hoje, e que hipocritamente citam também os seus poetas — alguns mesmo se dizem poetas, — é uma das maiores indignidades do nosso tempo.

A poesia nada tem de comum com a política, mormente da política anti-humana nos países totalitários, em que é negada ao homem toda a expressão sincera do seu interior, e da sua liberdade.

Quando numa hora verdadeiramente dramática, sem dúvida uma das épocas mais dolorosas e angustiantes que Portugal vive, um político se preocupa com palavras poéticas, e com citações de poemas, está logicamente num processo de traição à pureza da poesia, e também à essência da própria política.

Poesia é o amor à verdade de todos os estímulos interiores, que dá ao homem o poder mágico e maravilhoso das palavras. Por tal razão Homero nos recorda que a «poesia tem um poder de encantar». E o mesmo pensamento está em a Teogonia do também poeta grego Hesíodo. Tal carácter mágico, de encanto e maravilha, de coisas admiráveis, nada tem a ver com esta dolorosa situação política em que vivemos, — mesmo quando se abraçam poetas não se recolhe nesse abraço a dignidade de ser político — que nada tem de encantar porque vivemos em cada dia um múltiplo caos, que nos afasta cada vez mais da esperança. E, quando se perde a esperança perde-se tudo.

Também ao contrário da política, os encantos de um poema superior, a ex-

pressão do próprio eu, dos próprios pensamentos ou ideias mediante palavras e imagens que em ocasiões se aproximam mais ao objecto, podem fazer vibrar com intensidade as mais rudes sensibilidades humanas.

Um grande poema, produz emoções intensas como uma obra de arte as pode produzir também. Shakespeare, a máxima figura literária de Inglaterra, pensava que a música era capaz de amansar os animais selvagens, segundo se expressa no seu drama «O mercador de Venézia».

É esse despertar vital no homem o que faz admirar algo maravilhoso ante algo. Daí que se tenha atribuído à poesia valores mágicos ou de encanto, que a política e sobretudo este caos da política nacional, logicamente não possui, porque durante estes dolorosos cinco anos têm sido destruídos de forma bárbara, parte do nosso património artístico, e destruindo-se a paisagem, sem o menor respeito pelos valores ecológicos.

São os valores artísticos, históricos e espirituais, que definem civilizações, isto deveriam saber os nossos políticos, que nada fizeram para salvar tais valores, e agora falam em poesia e deixam lentamente destruir todos os encantos poéticos deste nosso tão querido Portugal, sem o menor sentimento poético por tudo quanto definiu a nossa originalidade e a nossa maneira de estar no Mundo.

Basta de tanta hipocrisia e tanta indignidade!